

## «OS ANJOS E O SANGUE», de Bernardo Santareno — «O RENDER DOS HERÓIS», por José Cardoso Pires

A imaginação, o poder de inventar situações e climas através de imagens novas e puras, não maculadas de influências, parece-nos ser a qualidade de Bernardo Santareno como dramaturgo. O equilíbrio perfeito entre simbólica e realidade é porventura a mais difícil realização, não só no teatro, como em toda a literatura. Duas influências perturbantes ameaçam o escritor, dois monstros decoradores de originalidade: a influência do real quotidiano, com a lógica que nos impõe, mas que é uma lógica insuficiente, que nada explica e nada revela em si de interior e profundo; e a influência dos outros escritores, de outros dramaturgos, das outras correntes literárias.

Quanto têm fracassado perante esta forma subtil do impacto social! No desejo do rápido triunfo, acolhem quase sem crítica as fórmulas do triunfo alheio, julgam que basta aprender a cidadania parisiense, para ganhar o prestígio de Paris e não reparam que a imaginação tem as suas leis: não é possível imaginar através da visão transcendente de outrem, mas tão-só arremedar estilos e tipos de visão, o que por vezes dá resultados imediatos, mas nunca se confunde com a verdadeira imaginação criadora.

Bernardo Santareno, ao contrário, integrando-se numa tradição dramática de que a síntese do humano e do religioso é o principal suporte, tradição cujos mais antigos e mais modernos representantes são, respectivamente, Gil Vicente e José Régio, Bernardo Santareno, dizíamos, tem sempre abertos e desimpedidos os

caminhos entre o seu inconsciente colectivo e o seu inconsciente individual, entre as suas zonas inconscientes profundas e a sua consciência lúcida. A imaginação no teatro é sobretudo imaginação de situações ou de relações entre os seres — ao

### Por ANTÓNIO QUADROS

que se distingue da imaginação plástica, essencialmente material e formal, ou da literária, essencialmente verbal-mental. É a situação do homem no mundo natural, mas em transe de difícil diálogo com o mundo sobrenatural; é a relação entre o imane e o transcendente, é em suma o problema da expressão do sagrado no humano que preocupa dramaturgos como Régio ou Santareno. Sentem eles, para empregar a recente terminologia de José Maranhão na sua «Teoria do Ser e da Verdade», a cisão que se abre entre as duas esferas. Esta cisão constitui o próprio conteúdo do drama. Eis porque, dramaturgos do sofrimento, mas também da esperança, tanto o autor de «Jacob e o Anjo» como o autor de «Os Anjos e o Sangue» apelam para os seus intermediários, os que verdadeiramente podem ser pontes ou pontífices, fazendo depender a relação humano-divino da prévia relação humano-angélica, ainda correndo o risco — patente em Régio e não sabemos ainda se em Santareno —, do luciferismo.

Bernardo Santareno afasta-se porém de Régio, enquanto ousadamente faz entrar os homens na hierarquia dos anjos. Porque a redenção é nele vivência, dinamismo, possibilidade; não a coloca no fim dos tempos, encontra-a potencialmente nos seres humanos e fez-se de certo modo o seu propugnador ou o seu apóstolo.

Pena é, efectivamente, que o escritor haja escrito a peça para a televisão, integrando-se no hibridismo deste género efémero. No compromisso entre os elementos cinematográficos e os teatrais, desequilibra-se a forma expressora do drama. Tal desequilíbrio diminui sem dúvida o valor e o alcance da peça — e sinceramente o lastimamos porque estamos perante uma ideia, uma imagética e uma simbólica de enormes possibilidades dramáticas. Em todo o caso, é admirável — ainda quando a realização não corresponda inteiramente — o modo como surge e é fecundado pela originalidade dos símbolos inventados, um cristianismo vivo e dinamizado, um cristianismo que assume a redenção não tanto num passado bíblico, não tanto num futuro mítico, como num presente movente, num presente em que o Deus é sempre o Menino, num presente em que o sangue divino é a promessa de uma ininterrupta criação de seres superiores, os Anjos ou os Eleitos, os intermediários entre o

puramente humano e o transcendentemente sobrenatural.

Um grupo de rapazes indisciplinados e vagabundos, da chamada geração transviada, encontra-se perante uma situação imaginada por Santareno como simbólica do que, menos espectacularmente, pode acontecer em interioridade: uma velha escultura representando o Menino Jesus cai, parte-se, e dela sai ininterruptamente um líquido que a princípio não reconhecem. É sangue. É o Sangue do Redentor. Está-se na noite de Natal. Dá-se então a transfiguração do humano. Um daqueles rapazes sente a metamorfose. Santareno apresenta-o, a partir de agora como homem redimido, mas redimido em Anjo. E a imagem sagrada, transportada nas suas mãos, leva a paz e a presença viva do Espírito a ambientes que dela estavam afastados.

Revive nesta peça a antiga teoria de Adão-Anjo, que Bernardo Santareno insere numa humanidade inquietada, profanada, a humanidade dos romances existencialistas, sem valores, sem princípios, sem fins. O autor parte, pois, da angústia existencial para a esperança religiosa, não tanto pela mão segura de si mesmo da ortodoxia, como principalmente pela procura, original de um caminho próprio de revelação e ascese.

(Continua na 9.ª pag.)

# CRÍTICA

(Continuação das pág. centrais)

Enfim: sem ser das melhores obras de Bernardo Santareno. «Os Anjos e o Sangue» é das que melhor exprimem a riqueza do seu espírito. Como sempre, o seu diálogo é fluente, espontâneo, natural, radicado na linguagem adequada do ambiente, compreendendo — o que é das suas maiores virtudes — o que há de simultaneamente ingênuo, poético e profundo na alma popular portuguesa, que tal linguagem traduz. Por tudo isto, é talvez um tema a rever e mesmo a refazer segundo forma mais especificamente dramática.

///

**O** polemista e o alegorista que coexistem em José Cardoso Pires deram-se as mãos para conceber «O Render dos Heróis» Sob outro ponto de vista, dramaturgo e novelista procuraram também conciliar-se, mas, por motivos diferentes, eis-nos diante de um outro tipo de hibridismo. O desejo de renovação, verdadeiramente vivo e dinâmico em Cardoso Pires, levou-o a criar um drama que é um pouco como uma mistura de Camilo Castelo Branco e Brecht. Com efeito, a «Maria da Fonte» de Camilo alimenta um género de teatro épico, ou melhor, novelesco, que não seria possível ser o polemismo alegórico de Bertold Brecht. No caso presente a descontinuidade da acção a multiplicação de episódios desligados, o excesso de anotações e até de descrições prejudicam sem dúvida a teatralidade da peça. Mas é o conteúdo caricatural dos seus personagens, sem a dignidade de figuras de um drama ou de uma epopeia, sem a graça e leveza de uma comédia ou de uma farsa, colocados como estão na posição um tanto artificial de compromisso, que mais pesam sobre uma tentativa já de si arriscada. Como o grande prosador que na «Maria da Fonte» quis «desmistificar» os «heróis» do golpe revolucionário que teve esta figura feminina como símbolo, também José Cardoso Pires evocou o ambiente

das lutas entre liberais e absolutistas. Com uma diferença: enquanto Camilo não podia deixar de tomar partido, Cardoso Pires teve intenções diferentes; duas intenções predominantes, para ser preciso.

Em primeiro lugar, os pressupostos do seu pensamento levaram-no a caricaturar com igual «ferocidade» os pretensos heróis de ambos os campos, uma vez que, à luz de determinadas posições actuais, a polémica entre liberais e absolutistas foi estéril, não sendo nenhuma das soluções hoje aceitável. Em segundo lugar, é a própria noção do herói que José Cardoso Pires critica e põe em causa. Esta crítica é porém apriorística, mais convencional do que real, com base mais ideológica do que propriamente filosófica. Sempre houve, há e haverá heróis, porque sempre houve, há e haverá homens superiores, homens que pelo ânimo ou pelo espírito (quem leia um livro tão belo e fecundo como «Os heróis» de Carlyle aprenderá

que os heróis do espírito têm o primeiro lugar da hierarquia), homens que pelo excepcional ânimo ou pelo profundo espírito criador, dizíamos, são as verdadeiras forças motrizes do movimento humano. Negá-los ou diminuí-los — como o tem feito, por exemplo, com Aquilino Ribeiro — em nome das suas pequenas fraquezas ou inferioridades, é medi-los pelo que neles é secundário, efémero, irrelevante. Os actos humanos valorizam-se sobretudo pelos fins que visam, não pelos marginais tropismos dos seus autores. Cada vez estamos sentindo mais os efeitos de concepções várias em que, sendo a força social colocada na mão abstracta e desumana dos funcionários e burocratas, dos anti-heróis por excelência, a humanidade vê pouco a pouco mais coarctados os caminhos da sua libertação e espiritualização.

Estamos tanto mais à vontade para criticar a concepção de José Cardoso Pires neste «Render dos Heróis», quanto admiramos o seu talento. Ele soube escrever uma novela de autêntica renovação do neo-realismo em «O Anjo Ancorado», impressionante fábula que revela na clara e crua luz de um foco inédito uma situação cuja injustiça se torna aguda e pungente, deixando sulcos angustiantes na nossa memória. Ele saberá no futuro, estamos certos, prestar justiça e reabilitar os seus rendidos heróis. Até porque na vanguarda dos heróis do nosso tempo, marcham os escritores, os pensadores, os artistas. E José Cardoso Pires é um deles. Um jovem que pensa e exprime, que luta e sofre, que vive em tensão e em ideal. Que ultrapassa a mediania e a mediocridade. Como a existência dos maus escritores não anula a dos melhores, assim os falsos heróis não impedem os que ontem, hoje e amanhã superam as limitações da maioria dos homens, criando pensamento, vida, energia vital, formando pátrias, defendendo ideais, descobrindo mundos conquistando o futuro.

ANTÓNIO QUADROS